



Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC)  
Departamento de Artes Cênicas (DEART)  
Licenciatura em Artes Cênicas (COLAC)



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Eu e o mundo: práticas teatrais para a experiência**

JULIA RIBEIRO MACHADO

OURO PRETO – MG

2024



Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC)  
Departamento de Artes Cênicas (DEART)  
Licenciatura em Artes Cênicas (COLAC)



Julia Ribeiro Machado

## **Eu e o mundo: práticas teatrais para a experiência**

Artigo apresentado(a) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Artes Cênicas – Licenciatura do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Ernesto Gomes Valença.

OURO PRETO – MG

2024



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Júlia Ribeiro Machado**

### **Eu e o mundo: práticas teatrais para a experiência**

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas

Aprovada em 21 de fevereiro de 2024

#### Membros da banca

Prof. Dr. Ernesto Gomes Valença - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof. Ms. Dhu Rocha (Geraldo Magela Silva Rocha) - (Atelier de Artes Integradas da Prefeitura Municipal de Itabirito)  
Profª. Ms. Brenda Campos de Oliveira Freire - (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Digite o nome do orientador (apenas a primeira letra de cada nome maiúscula)], orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 23/02/2024



Documento assinado eletronicamente por **Ernesto Gomes Valença, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/02/2024, às 10:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0672514** e o código CRC **54292366**.

**Resumo:** Neste artigo falo do meu entendimento sobre o conceito de experiência, sua importância na educação, e como a prática teatral pode abrir possibilidades para ela dentro do contexto escolar. Trago o relato de três vivências que tive como estagiária durante a graduação, onde através de exercícios teatrais desenvolvemos principalmente a escuta, a presença e o interesse dos estudantes, qualidades importantes para o teatro sem as quais não é possível viver uma experiência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro. Arte- educação. Experiência. Presença. Escuta.

**Abstract:** In this article I talk about my understanding of the concept of experience, its importance in education, and how theatrical practice can open up possibilities for it within the school context. I bring the story of three experiences I had as an intern during my undergraduate studies, where through theatrical exercises we mainly developed listening, presence and interest in students, important qualities for theater without which it is not possible to have an experience.

**KEYWORDS:** Theater. Art- education. Experience. Presence. Listening.

## **Eu e o mundo: práticas teatrais para a experiência**

Essa pesquisa aborda algumas formas que eu encontrei de inserir o que eu acho essencial para o fazer teatral dentro do contexto escolar, com minhas reflexões sobre suas potências e desafios. Penso que o sentido de dar aula de teatro nas escolas não é a formação de atores, ou nutrir o amor pela cena, mas contribuir para o desenvolvimento das e dos estudantes enquanto sujeitos, colaborar para o processos relacionados à experiência estética, a criação e a expressividade. Ao abordar o teatro nas escolas, trago os exercícios teatrais como uma forma de se familiarizar com o experienciar, aprendendo a estar atento no aqui e agora, sensibilizando-se para si e para o mundo, jogando com o que se apresenta, ocupando os espaços, ao invés de ser ocupado por ele. Conscientizar-se de si e do outro, familiarizar-se com o espaço de jogo que existe entre eu e o mundo é tomar consciência do poder que temos de ocupar e modificar os espaços pela maneira que ocupamos eles.

O teatro se caracteriza pela ação no espaço, enquadrada pelo olhar poético do público. Esse recorte de tempo e espaço traz a atenção para o momento, o instante presente, evidenciando as possibilidades pulsantes que surgem a partir dos corpos que ocupam esse espaço no momento. O elemento da presença é próprio da experiência teatral, e essa experiência proporciona encontros, abre espaço para o novo, na medida que desenvolve um novo olhar para o cotidiano. É nesse espaço de encontro que o acontecimento emerge, o espaço do jogo, onde estamos abertos para experienciar.

Dentro do contexto escolar podemos pensar a experiência enquanto um valor essencial à educação, importante para o processo de ensino e aprendizagem. Gosto de pensar a educação pelo par sentido/experiência, dado por Larrosa (2014), sendo a experiência caracterizada por algo que nos acontece, e o sentido como sendo a elaboração que fazemos diante daquilo que nos acontece, por meio da nossa linguagem. No mundo moderno há alguns empecilhos para isso, como o excesso de informação que impede a experiência, o ideal tecnicista tomando conta da educação pública, a mecanização dos corpos e a falta de tempo.

Para vivenciar uma experiência, acredito que algumas coisas são fundamentais, como por exemplo: um estado de presença atento e propositivo, que pode ser estimulado a partir de exercícios para atentar aos corpos que ocupam o espaço no momento que os circunscreve; uma escuta atenta, na medida que o jogo teatral só pode existir de forma coletiva, é preciso estar atento para o outro, e também para si mesmo; um espaço adequado, que acolha os corpos,

possibilitando a exploração de movimentos e ações; disponibilidade de tempo, pois para se chegar a um estado de presença adequado para a ação criativa é necessária uma quantidade razoável de tempo, e, principalmente; o interesse dos envolvidos, a vontade de encontrar e fazer acontecer. Cada espaço escolar possui suas próprias características e necessidades e, em cada escola que estive, tive a oportunidade de desenvolver um aspecto ou outro do fazer teatral, dentro dos limites apresentados.

Na Escola Municipal Haydeé Antunes, o CAIC, onde estagiei entre 2022 e 2023 com as turmas do fundamental anos finais, as principais limitações apresentadas para desenvolver as aulas foram o tempo de 50 minutos e a falta de interesse e participação dos estudantes na aula. Para desenvolver uma postura presente no estudante, procurei encontrar aquilo que é familiar a eles, o que diz respeito à sua realidade. Para existir a possibilidade de uma experiência dentro da sala de aula, é necessário que cada um se coloque disponível, em estado de presença. Assim desenvolvi práticas para colocar o estudante como protagonista da aula, convidando-o a trazer elementos culturais da realidade deles para dentro da sala de aula e propondo discussões que contextualizam seus interesses e desejos. Isso trouxe à tona realidades sociais que atingem a todos e, portanto, é um ponto de interesse comum, onde o encontro é possível.

Na Escola Municipal Aleijadinho, estagiei também em 2023 com estudantes do sétimo ano, lá os estudantes estavam muito imersos na realidade digital, o celular sendo o principal ponto de convergência do interesse deles. Apesar de seus onze/doze anos, seus corpos expressavam muito cansaço e apatia, com preguiça e resistência em se movimentar. Talvez pelo excesso de informações e notícias, pelas catástrofes no mundo inteiro que chegam até nós assaltando nossos sentidos, nos tornamos apáticos para o entorno imediato, já que o mundo inteiro parece ser um lugar muito mais interessante. Nos ocupamos do inalcançável e o entorno imediato não nos diz mais respeito. Vivemos sem nos deixar afetar verdadeiramente por nada, permanecemos inalterados diante das confusões e acontecimentos que cruzam nossos caminhos. A experiência que venho falar defende o afeto pelo que nos cerca, o que nos chega pelos sentidos no momento imediato. Estar consciente desses estímulos é entender seus afetos, viabilizando então a possibilidade de resposta, ao invés da reação automática. Por isso, procurei desenvolver a atenção para a realidade imediata que cercava os alunos (muitas vezes ignorada e desvalorizada), os arredores da escola, as paisagens que os cercavam. Assim, fomos exercitando práticas que colocavam o corpo mais presente nessa dinâmica, trazendo mais atenção para como esses estímulos reverberam nos corpos. Nessa vivência, experimentei trazer

recursos midiáticos e a linguagem das imagens como tentativa de invocar o interesse e curiosidade deles, trazendo mais envolvimento nas aulas.

Na Escola Municipal Padre Carmélio Augusto Teixeira estive com crianças do quinto ano que tinham muita energia e poucos lugares onde poderiam usar essa energia, o que gerava um ambiente caótico, onde não era possível ouvir-se nada nem ninguém, um espaço organizado principalmente pela repressão e pela postura autoritária. Por isso, trabalhamos práticas principalmente relacionadas à escuta, criando um ambiente acolhedor em que todos se sentissem à vontade para propor. Para que haja encontro e, então, a possibilidade de jogo e acontecimento, faz-se necessário que estejamos conscientes de nós mesmos, precisamos perceber onde estamos, o que se passa conosco no momento presente.

Algumas ações e vivências propostas em cada um desses locais, que melhor descrevem a noção de experiência com a qual estou trabalhando, serão descritas ao longo desse artigo. A experiência é algo que nos atravessa. Nos colocamos dispostos e atentos ao sermos afetados, e jogamos com o que o momento nos apresenta. Desse jogo nasce o movimento, aspectos despercebidos da realidade começam a circular e temos a chance de percebê-los com um novo olhar. Novas relações se criam e assim nos transformamos, assim como transformamos também o espaço quando o ocupamos.

No contexto escolar, os ambientes são reservados para atividades pré-estabelecidas, e o estudante deve cumprir tal posição, não havendo espaço para explorar o que ainda não se conhece. O exercício teatral pode deslocar isso que já é conhecido, proporcionando novos olhares para os espaços, novas perspectivas, novos significados.

### **Meu entendimento sobre o conceito de experiência**

A experiência é múltipla, ela vai além disso que se transmite, de uma informação que se passa. Jorge Larrosa (2014), pedagogo espanhol e professor na universidade de Barcelona, se dedica a compreender a escola e a profissão docente voltada para a experiência. Segundo ele, a experiência é definida como *aquilo que nos acontece*. É um acontecimento no qual estamos imersos, onde cada um tem o seu olhar particular para a realidade. Como se a experiência nos convocasse para estar atento, com a escuta aberta, observando o que acontece, para então, posteriormente, se elaborar um sentido:

A experiência é o que nos acontece, não o que acontece, mas sim o que nos acontece. Mesmo que tenha a ver com a ação, mesmo que as vezes aconteça na ação, não se faz a experiência, mas sim se sofre, não é intencional, não está do lado da ação e sim do

lado da paixão. Por isso a experiência é abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição. (LARROSA, 2014, p.68)

A experiência requer um estado de abertura para o desconhecido, uma sensibilização especial para o entorno, para o mundo que emerge a partir de um estado de paixão, com um olhar atento para as particularidades e singularidades de cada momento, em seu valor único e efêmero. Ela se dá no momento presente, na singularidade do momento presente, com suas especificidades irrepetíveis. Não há grau de conhecimento que prepare para uma experiência, pois ela é particular, e não há autoridade nesse quesito. A posterior elaboração de sentido, que passa pela linguagem, estará contaminada pela subjetividade da pessoa, como também pela objetividade do que ocorreu. A experiência se situa no limite entre o dizível e o indizível, o compreensível e o não compreensível, no limite do que se pode entender e do que ainda não se sabe, e é onde mora a possibilidade de crescimento.

É importante diferenciar experiência de experimento. Raymond Williams, filósofo e sociólogo influente na crítica cultural, bem como para os estudos em política, literatura e cultura, publicou um livro de palavras-chave, no qual define a experiência diferenciando-a de experimento. Segundo Williams (1983, p. 116) experimento, substantivo de ação, é entendido como um simples teste, de onde se observa conscientemente os resultados. A experiência, para Williams, pode ter o sentido de conhecimento adquirido através de eventos passados, como também pode ser entendido como um tipo de consciência mais ativa e particular que se dá no presente, que inclui sentimento e pensamento. A experiência ocorrida no passado se converte em lições aprendidas, enquanto que a presente se entende como um processo de atenção consciente, de sensibilização.

A experiência que falo aqui diz do que se desenvolve no momento presente. Quando estamos presentes na experiência, a percepção do tempo se torna mais fluida e contínua, e a percepção do espaço também muda. Para o geógrafo humanista Yi Fu Tuan (1983), que se aprofundou no estudo das percepções e valores sobre o ambiente, as pessoas atribuem significados e organizam o espaço e o lugar a partir da experiência. O que dá identidade a um lugar é a experiência:

(...) medimos e mapeamos o espaço e lugar, adquirimos leis espaciais e inventários de recursos através de nossos esforços. Estas são abordagens importantes, porém precisam ser complementadas por dados experienciais que podemos coletar e interpretar com fidedignidade, porque nós somos seres humanos. Temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos e sentimentos. Temos a visão do interior dos fatos humanos, uma asserção que não podemos fazer a respeito de outros tipos de fato (TUAN, 1983, p.5)



Assim, a experiência é algo próprio do ser humano, um dos fatores que caracteriza sua ação sobre o espaço, diferenciando-a da ação de máquinas ou outros animais.

### **Como a educação reprime a experiência?**

A experiência é importante para a educação porque valoriza o ponto de vista que o estudante tem, com as ferramentas e linguagem que ele possui para elaborar um sentido para o que lhe acontece. Assim, a experiência dá motivação para diversificar as ferramentas perceptivas e refinar a linguagem, fazendo do conhecimento algo que tem funcionalidade no mundo real, no mundo prático, estimulando o estudante a estar sempre em busca de apreender o máximo possível daquilo que lhe acontece. A experiência não é algo conclusivo, é algo que abre possibilidades infinitas. O estudante, através da curiosidade, pela paixão daquilo que acontece diante dele, se coloca à disposição para se envolver com aquilo, pelo desejo de se elaborar um sentido para aquilo. Alimenta também a criatividade, pois o sujeito da experiência se reinventa diante do desconhecido, do que ainda não conhece.

Para Yi Fu Tuan (1983), a identidade de um lugar se dá pelo que acontece ali. Num ambiente escolar, a maneira de dispor as cadeiras e mesas, o refeitório, corredores e escadas, tudo está colocado de uma maneira que condiciona o tipo de atividade que o espaço propõe, e o estudante apenas cumpre essas funções pré-determinadas de acordo com o que seu planejamento de horário possibilita. Os espaços para movimentar o corpo são limitados e só podem ser ocupados em horários específicos. O lugar de passividade que o estudante é colocado faz com que, com o passar dos anos, ele se torne um indivíduo cansado e conformado. É preciso estimular e valorizar sua interferência nos espaços, pois assim ele pode entender a realidade como uma construção da qual ele faz parte, e não como algo imutável na qual ele deve se adaptar.

A percepção da realidade como algo imutável parte de uma lógica competitiva, de uma perspectiva na qual é preciso obter domínio e controle da realidade, para assim ter os melhores resultados. Essa ideia na educação faz com que os professores se coloquem como detentores do conhecimento da realidade, e o estudante como alguém que nada sabe sobre isso. Para Larrosa, essa lógica é avessa à lógica da experiência, pois coloca a realidade distante da influência do estudante e mais próxima da influência de especialistas:

Talvez por isso a palavra “realidade” seja uma das palavras favoritas dessa rede de jornalistas, políticos, experts e funcionários que se dedica a administrar a vida dos indivíduos e das populações. Como se o real não fosse outra coisa que o objeto do saber e a presa do poder dos dispositivos biopolíticos do governo, ou seja, como se o

real não fosse outra coisa que aquilo que deve ser conhecido e governado, uma projeção do nosso saber, do nosso poder e de nossa vontade. Porém, a realidade que nos é apresentada na experiência não tem nada a ver com isso, e deveríamos situar em outro lugar a relação entre língua e realidade (LARROSA, 2014, p. 107)

Uma concepção de realidade fixa, na qual tudo já está determinado, faz com que as experiências se tornem desassociadas do entorno, sem pontos de encontro e diálogo com a própria realidade e com o outro. Já a experiência, que ocorre a partir de uma perspectiva de realidade como algo que se constrói em um processo dinâmico, se torna mais aberta e múltipla, com inúmeras possibilidades de relações entre o espaço e o coletivo.

Para se viver uma experiência construtiva e transformadora, além de se entender como sujeito atuante que constrói a realidade, é necessário estar conectado com o próprio corpo, a própria sensação no momento presente. No mundo contemporâneo, vivemos bombardeados de estímulos o tempo todo, cercados pelo mundo digital e sempre com uma carga grande de tarefas para se manter produtivo dentro de uma sociedade capitalista. Na educação, um ideal tecnicista vem influenciando a estrutura curricular, prezando por um estudante que escolha uma profissão e se especialize nela o mais cedo possível. Isso tem a ver com a lógica de mercado, competitiva, onde o melhor se sobressai e conquista sucesso em detrimento dos outros. Essa lógica é oposta à lógica do sujeito da experiência, pois este primeiro estará buscando sempre uma maneira de dominar e controlar aquilo que está fazendo, para obter melhores resultados, enquanto que o sujeito da experiência não tem nenhum objetivo predeterminado, está ali por curiosidade, pelo simples prazer de se experienciar. Essa lógica também prejudica a coletividade, pois instaura uma norma competitiva.

A educação bancária, ideia desenvolvida por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, consiste no entendimento do aluno como um recipiente no qual o professor deposita conhecimento (FREIRE, 1968), fazendo da escola um lugar onde o estudante precisa ir para se obter conhecimento do mundo, entrar em contato com a realidade, e o professor é o agente que facilita a “entrada” do mundo no estudante. A educação bancária busca objetificar o sujeito, bem como a realidade, pois a entende como algo dado e imutável sobre a qual se pode exercer algum tipo de controle. E o conhecimento, teoricamente seria uma ferramenta para se exercer esse controle. Segundo Freire, a educação deve ser uma ferramenta de libertação e a ação e a reflexão seriam as únicas capazes de transformar o mundo. A experiência entra nesse contexto, prevendo o estudante como ser relevante no processo de aprendizagem, com seu contexto e conhecimento valorizados. Segundo Freire:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração (FREIRE, 1978, p.37)

### **Como o teatro abre possibilidades para a experiência dentro da educação?**

O teatro é um lugar de descoberta, do mundo e de si. É onde experimentamos as possibilidades do próprio corpo, em interação com o espaço e com o outro. Lá trazemos histórias e podemos reconstituir os fatos da maneira como quisermos. Criando histórias, de si e do outro, estabelecemos um vínculo íntimo com o próprio ser (através do corpo, da voz), e com o coletivo, que também faz parte do universo individual. É uma maneira de construir pontes para nós mesmos, e para o outro. Construindo narrativas de si mesmo, tanto pelo que está fora e quanto pelo que está dentro, reacendemos o desejo de encontrar, de se relacionar.

O teatro pode nos ajudar a dar identidade a um lugar, talvez até modificar essa identidade, torná-la mais fluida, mais flexível, mais acolhedora: mais propícia para a experiência. Segundo Carmela Soares (2008, p. 54) o jogo teatral possibilita uma nova qualidade de olhar, que ganha uma dimensão estética. Através do enquadramento do espaço pelo olhar, este se modifica, passando a ser vivenciado no seu elemento de beleza:

Consideramos fundamental, no entanto, destacar e analisar a função de dois elementos pedagógicos importantes para a realização desse objetivo. São eles: o olhar e o espaço. Esses dois elementos estão inter-relacionados. Nesse sentido, o olhar é trabalhado em função de um espaço enquadrado, ou seja, a medida que um espaço é delimitado, o olhar sobre esse espaço é intensificado. (SOARES, 2008)

Esse enquadramento do olhar também gera uma atenção especial para o instante presente, aos sons, aos objetos e pessoas que compartilham o espaço naquele momento. Esse é o estado de presença que o teatro convoca, valorizando aquilo que surge espontaneamente, possibilitando também o encontro com o que ainda não tem nome, o disforme, o irregular. A educação acontece no momento em que nos deparamos com o desconhecido, onde mora a possibilidade de crescimento. Segundo a importante pensadora do teatro-educação, Viola Spolin:

A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa. (SPOLIN, 2010, p.4)

O jogo teatral é um elemento importante para chegar a esse estado de presença, onde podemos viver essa experiência criativa da qual Spolin se refere. É também necessário criar um ambiente propício para que essa experiência possa acontecer, onde os presentes se

coloquem disponíveis em sua coletividade (visto que um jogo nunca acontece sozinho) e atentos para o que o entorno oferece (que é a matéria prima para o jogo). Esse estado de abertura e atenção é valioso para a educação como um todo, não só para arte teatral, pois ela desperta a curiosidade e a atenção do estudante, o torna perceptivo e receptivo a experiência. Esta tem a potência de modificar e transformar seu entendimento do mundo, fazendo a realidade ganhar maior amplitude e novos contornos, novas possibilidades.

O exercício teatral nas escolas pode ser especialmente enriquecedor, pois abre espaço para o estudante experimentar as diferentes possibilidades de seu corpo, ajuda a dar sentido ao mundo e às próprias experiências. Percebo, no ambiente escolar, a necessidade de os estudantes serem estimulados a interferirem no espaço que os cerca, abrindo espaço para suas inquietações e curiosidades, se apropriando do espaço da sala de aula, bem como do conhecimento crítico que lhes é proporcionado ali. Vejo que o corpo tem grande importância nisso, visto que é diariamente reprimido no cotidiano escolar e sobrecarregado de estímulos pelas mídias quase o tempo todo. As práticas teatrais têm o poder de desautomatizar esse corpo, podendo trazer o estudante como agente produtor de realidade, um sujeito capaz de modificar o espaço que o cerca. Segundo Carmela Soares:

Por meio do jogo teatral podemos desdobrar o significado de um mesmo espaço, e propor inúmeras imagens e leituras. Os alunos se surpreendem e se divertem ao perceber as possibilidades de invenção e reinvenção de um mesmo espaço, a partir de sua própria imaginação. (SOARES, 2008, p.56)

O teatro possibilita encarar a vida em estado de jogo, como quem está disposto a explorar e modificar, através de suas ações, a realidade a sua volta, ao invés de entender a realidade como um dado imutável, distante dele, na qual ele não tem nenhuma influência. O espaço de jogo faz com que nós nos coloquemos em contato com as próprias emoções, podendo dar vazão a elas de uma forma saudável. Ajuda a nos reconhecer enquanto sujeitos, a nos familiarizar com a própria voz e o próprio corpo, que carrega expressividade.

### **Ampliando as possibilidades de experiência dentro da escola através de práticas teatrais – Relato de três vivências**

Cada escola carrega em si desafios e potencialidades. Elas são profundamente marcadas pelo contexto social e geográfico onde estão inseridas e, para que haja coerência com a realidade, é essencial levar essas características em conta. Não há abordagem fixa nesse caso, pois cada contexto requer uma abordagem que leve em conta suas adversidades, já que essas têm impacto direto sobre os estudantes e as aulas. Outra variável é o momento em que cada

estudante está em sua jornada estudantil, como ele está naquele dia em específico, bem como o que o tempo e o espaço sugerem.

Enquanto professora de teatro, essa condição me coloca em estado de jogo para propor as aulas, num exercício constante de flexibilidade e negociações. Essa posição é bem desafiadora e talvez um pouco cansativa, talvez só possível para uma estagiária. Enquanto professora regular, as condições de trabalho são outras: o volume de aulas que temos de lecionar, a polivalência da disciplina “Arte”, a crescente desvalorização e sucateamento da educação, e também um certo desprestígio da aula de artes me faz pensar que essa não seria uma postura possível a longo prazo.

Trago três vivências que tive no decorrer da minha graduação. Cada uma delas apresenta desafios e condições específicas para tornar possível viver uma experiência (autêntica, educativa, criativa). Separei três tópicos, cada um desenvolvido em uma escola, sem os quais viver uma experiência não seria possível: o interesse, a escuta atenta e a presença. Duas dessas vivências se deram no decorrer do Programa de Residência Pedagógica (PRP)<sup>1</sup> em 2023, uma delas durante meu Estágio Regência II, em 2022.

O teatro, enquanto exercício artístico, possibilita o desenvolvimento de muitas aptidões como o desenvolvimento de um olhar apurado, a prontidão do estado de jogo, as sensibilidades ampliadas em foco, enfim, são diversas as habilidades que podem ser desenvolvidas com o teatro. As que mais desenvolvi durante minhas vivências na escola foram: a escuta, a presença e o interesse. Acho que sem esses fatores não é possível fazer teatro, como também não é possível estar aberto para viver uma experiência.

A oportunidade da experiência muitas vezes nos passa despercebido, pois estamos ocupados, atentos a outras coisas, sem de fato nos disponibilizar e deixar envolver com o que o espaço nos oferece, e conseqüentemente sendo indiferente ao que acontece nele. O teatro surge como uma forma de nos reaproximar da nossa própria vivacidade, uma maneira de envolver pensamento e sentimento nas nossas ações, na nossa maneira de interferir no espaço, ativando um olhar mais atento para ele. Para Larossa:

a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; que a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida,

---

<sup>1</sup> O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade contribuir para o aperfeiçoamento da formação de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. O programa foi coordenado pela professora Neide Das Graças Bertolini, na época em que realizei minhas vivências.

quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; e em que a experiência, que não sabemos o que é, as vezes canta. (LARROSA, 2014, p.13)

### **Vivência no CAIC e a importância do estudante protagonista: Práticas para resgatar o interesse.**

A Escola Municipal Professora Haydée Antunes, também conhecida como CAIC, está localizada no distrito de Cachoeira do Campo, município de Ouro Preto-MG. Foi criada em 1974 e, atualmente, atende em torno de 830 alunos, que vão desde a creche até o nono ano do Ensino Fundamental, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Minha experiência na escola se deu no Programa de Residência Pedagógica (PRP), em 2023, com a turma do Fundamental, Anos Finais, onde lecionei junto com a residente Laura Sarcedo.

Essa vivência girou em torno, primariamente, da elaboração de uma postura de professora sensível com a realidade dos estudantes. Nessa escola, os estudantes estavam sempre nervosos e estressados, o que gerava uma alta recorrência de brigas e discussões, bem como apatia para com o professor e com as aulas. Nessa escola, dei aula para estudantes do fundamental dois, onde eles eram em sua maioria adolescentes. Na minha perspectiva, vários fatores no ambiente escolar influenciam uma crescente apatia no corpo estudantil, isso se torna evidente na medida que os estudantes crescem e vão perdendo o interesse de estar na escola. Na infância, o gosto pela experiência da escola ainda é latente, existindo possibilidade de diversão para as crianças, havendo mais espaço para brincadeiras, mais contato com o novo, gerando uma postura mais aberta para a experiência, própria da descoberta.

Essa vivência girou em torno, primeiramente, da elaboração de uma postura de professora sensível com a realidade dos estudantes. Nessa escola, os estudantes estavam sempre nervosos e estressados, o que gerava uma alta recorrência de brigas e discussões, bem como apatia para com o professor e com as aulas. Lá, dei aula para estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais onde eles eram, em sua maioria, adolescentes de onze a catorze anos, em média. Na minha perspectiva, vários fatores no ambiente escolar influenciam uma crescente apatia no corpo estudantil, isso se torna evidente na medida que os estudantes crescem e vão perdendo o interesse de estar na escola. Na infância, o gosto pela experiência da escola ainda é latente, existindo possibilidade de diversão para as crianças, havendo mais espaço para brincadeiras, mais contato com o novo, gerando uma postura mais aberta para a experiência, própria da descoberta.

Durante o processo de crescimento, fortemente influenciado pelo contexto social a que se está inserido, podemos adquirir um ponto de vista da realidade do mundo menos promissor do que víamos na infância. Na escola, há pouco contato com o que de fato interessa, pois, a vida prática das pessoas raramente é levada em consideração na estrutura das aulas, chegando ao ponto de a cultura da comunidade onde se está inserido ser muitas vezes ignorada. Os estudantes são gradativamente acomodados a uma posição passiva e há uma grande quantidade de energia que é reprimida diariamente no cotidiano escolar. Nesse contexto, o professor passa a ser uma figura repressora, que impõe um conhecimento que nada tem a ver com a realidade prática da vida.

No CAIC há uma alta taxa de evasão escolar, estando os estudantes mais envolvidos com a possibilidade de trabalhar fora, comprar uma moto, ganhar dinheiro, etc., do que estar na escola e adquirir conhecimento, não havendo o entendimento daquele lugar como um espaço de crescimento. Muitos acham que estudar não dá em nada, e isso tem muito a ver com a realidade social que muitos vivem ali. Eu, sinceramente, me encontrei genuinamente perdida, sem saber o que propor como aula de Arte nesse contexto. A experiência, nessa situação, era bem delimitada pela necessidade particular de cada um, muito singular e própria a cada estudante.

A relação dialógica entre professor e estudante também estava comprometida. Talvez por inúmeros motivos, sendo a mais marcante para mim naquele momento, a sensação de estar na posição de uma figura repressora, de inimiga. Isso demonstra o ponto de vista deles com relação a escola como um espaço onde eles não têm nenhuma influência, logo, não é um lugar onde eles poderiam propriamente viver uma experiência.

Entendo que muitas organizações feitas ali (desde as aulas, até a própria gestão escolar) pouco levam em consideração as necessidades e opiniões dos alunos. Há, é claro, uma grande vulnerabilidade social que não concorre apenas à escola suprir. Há carências em diversos aspectos da comunidade como um todo e elas se refletem diretamente no cotidiano da escola.

Em minhas aulas, pouco poderia fazer para modificar essa conjuntura de fato e lidar com isso é doloroso. Parece que sempre está faltando algo essencial, sem o qual dar uma aula de artes que se aproxime de uma experiência é impossível, que não está no meu alcance oferecer.

Mesmo assim, pensei em desenvolver um formato de aula que levasse em conta o comportamento dos estudantes, ao mesmo tempo explosivo e desinteressado (talvez a

revolta deles possa ser interpretada como uma reivindicação ao direito de experiência, que nunca chega a ser de fato alcançado naquele espaço). Quis construir uma postura em sala de aula mais dialógica, pois entendo que havia uma necessidade de compreensão maior entre as duas partes (professora e estudantes), e que eu não estava ali para reprimi-los ou mesmo para indicá-los qual caminho seguir na vida. Queria construir um lugar onde pudéssemos de fato trocar, eu com meu ponto de vista e cada um deles com o deles.

Para haver uma experiência, precisamos estar envolvidos com o espaço, para que nele possa acontecer algo que realmente nos afete. Se não há uma certa identificação com o ambiente, um desejo inexplicável de estar e de trocar nele, que vem da ordem da paixão, pode acontecer o que for naquele lugar que isso não nos afeta nem abala, não configura uma experiência para nós. Da mesma maneira que modificamos o espaço, na experiência também somos modificados por ele, numa relação dialógica. A singularidade do espaço é um fator que nasce do olhar apaixonado, característico do sujeito da experiência, segundo Larrosa:

A paixão é sempre do singular porque ela mesma não é outra coisa que a afeição pelo singular. Na experiência, então, o real se apresenta para nós em sua singularidade. Por isso o real nos é dado na experiência não como identificável (transborda qualquer identidade, qualquer identificação), como irrepresentável (se apresenta de um modo que transborda qualquer representação), como incompreensível (ao não aceitar a distinção entre o sensível e o inteligível transborda qualquer inteligibilidade) ou, em outras palavras, como incomparável, não repetível, extraordinário, único, insólito, surpreendente. Além do mais, se a experiência nos dá o real como singular, então a experiência nos singulariza (LARROSA, 2014, p.68)

Assim, busquei trazê-los como ponto central da aula, para que seus interesses pudessem ser os motivos principais dos nossos encontros, como uma forma de criar espaço para eles demonstrarem aquilo que sentem, bem como de reconhecer o valor artístico e intelectual da arte que eles consomem, demonstrando o lugar da arte como pertencente a eles também. Assim, pensei em estruturar as aulas baseadas em práticas de criação colaborativas, onde eu pudesse criar junto com eles, visando principalmente facilitar diálogos com a realidade social da escola. Imaginei que, para quebrar a impermeabilidade da relação de estudante e professora, trazer elementos artísticos que eles se identificam pudesse ser bom para quebrar a apatia e resgatar o interesse deles.

Pensando nisso, pedi a eles que me recomendassem uma música que gostam, para me aproximar do universo artístico deles e com o objetivo também de analisar, contextualizar e usá-las como mote criativo. De todas as músicas que eles falaram, selecionei três que, no meu ponto de vista, traziam à tona questões sociais importantes. Foram elas: Tocaia, de



Yago Oproprio (2023), Preta de Quebrada, de Flora Matos (2017), e Cap. 4 Versículo 3, dos Racionais (1997).

Foi uma aula que gerou o envolvimento de muitos alunos, o que resultou em discussões muito produtivas. As músicas geraram espaço para que surgissem discussões de questões raciais e de gênero, onde os estudantes colocaram suas próprias experiências de forma muito madura, principalmente nas turmas do oitavo e nono ano que tinham por volta de treze e catorze anos, fazendo dessa aula um lugar de muito aprendizado, principalmente para mim. Muitos se envolveram na discussão, inclusive estudantes que geralmente não participavam, denunciando a necessidade de discutir as relações de poder a qual também estão submetidos.

Buscando dar continuidade a esse envolvimento, propus também um exercício de criação de personagens, onde os estudantes deveriam chegar a um acordo sobre quais características são importantes numa pessoa (tive de sugerir alguns tópicos e ao final ficou acordado a nacionalidade, raça, gênero, sexualidade, classe social e maior sonho como tópicos importantes. Tópicos como “personalidade”, “respeita os outros?” também surgiram). Esse exercício foi bastante marcante. Pude perceber que muitos se projetavam no personagem criado de uma maneira muito direta.

Majoritariamente, os personagens criados eram heterossexuais e brancos, com o sonho de ter uma moto. Essa realidade denuncia o racismo estrutural se manifestando nos desejos dos alunos, que majoritariamente são negros. Muitos não conheciam as diferentes possibilidades de orientação sexual e de identidade de gênero. Esses tensionamentos possibilitaram uma discussão identitária muito rica, onde há uma genuína ignorância das diferentes possibilidades de ser e estar no mundo. Depois, a proposta era criar uma situação em que todos os personagens criados se encontrassem. As situações criadas eram em sua maioria um cenário violento, de briga ou assalto, sempre com motos, onde a relação oprimido/opressor era agressivamente expressa.

Acho que os exercícios propostos funcionaram, pois, a participação dos estudantes nas discussões foi mais ativa, gerando um pouco mais de engajamento e bom ânimo para as aulas, a abertura deles com as nossas propostas era bem variável, haviam aulas em que momentos de foco e envolvimento aconteciam, e aulas que não.

**Vivência na E.M Aleijadinho e a conscientização dos sentidos no momento presente:  
Práticas teatrais para convocar a presença.**

Essa vivência ocorreu na Escola Municipal Aleijadinho, localizada no distrito de Santo Antônio do Salto, na turma do sétimo ano, entre novembro de 2022 a abril de 2023 junto ao Programa Residência Pedagógica Artes Cênicas. Nessa vivência, os estudantes apresentavam muita preguiça e resistência em movimentar o corpo, apesar de estarem ainda muito próximos da infância (entre onze e doze anos). Por isso, as aulas foram pensadas a partir da necessidade de movimentar os corpos, explorando as possibilidades e discutindo os efeitos da relação dos corpos com a natureza. Exploramos exercícios de expressão corporal com movimentos gerados a partir de imagens, através da fotografia e, por fim, experimentamos adaptações dos jogos de teatro imagem (Augusto Boal, 1975).

O Teatro Imagem permite que o estudante expresse sua percepção de algum tema sem usar palavras, apenas com seus corpos e, junto com outros estudantes, produzir uma imagem conjunta. Segundo Boal (1975, p.149), o teatro imagem é uma das práticas mais estimulantes, por ser fácil de praticar e pela capacidade de tornar visível um pensamento. Esse exercício evidencia o papel do corpo na produção do pensamento, abre perspectiva para pensarmos mais criativamente por vias desconhecidas.

É possível esboçar soluções e elaborar questões através do corpo, pensar novas ideias através dele e, penso que no ambiente escolar - um lugar dedicado ao conhecimento, o corpo deveria ocupar um lugar de maior prestígio e liberdade, pois há pouca oportunidade de se movimentar e de relaxar, o que delega o corpo à repressão e à negligência. Assim, me inspirei no teatro imagem, com algumas variações: ora usando data show, ora pedindo que criassem fotografias a partir de estímulos falados. Também pedi que criassem sequências de movimentos inspiradas em algumas imagens que eu levei.

Assim, busquei trazer elementos audiovisuais como forma de gerar envolvimento nas aulas e através desses elementos instigar o reconhecimento individual dos estudantes como parte integrante da natureza, explorando diferentes relações com os dispositivos tecnológicos. Esse reconhecimento nos conduz à percepção de diversos “corpos coletivos” que formamos juntos em suas diversas esferas, seja dentro da sala de aula, da comunidade, ou mesmo do planeta terra. Nas imagens, trouxe diversas paisagens naturais e humanas, descontextualizando um pouco a relação “cotidiana” que temos com a natureza para que se possa pensar nela com mais atenção.

Como cada corpo é único, cada um carrega em si uma percepção diferente do que se vive, e quando isso é levado em consideração na elaboração de um pensamento, este se torna

mais singular, mais próprio. Além de estimular o pensamento criativo, próprio, o corpo está intrinsecamente relacionado com a presença, pela sua percepção no momento presente. O corpo é um organismo vivo que estabelece relações com tudo que o toca, e a todo tempo essas relações se refazem, num processo dinâmico. Essa consciência é vital para a experiência, para Larrosa (2014, p. 74):

A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vive-la.

A BNCC destaca seis dimensões para se trabalhar o conteúdo de Artes na escola (*criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão*). Neste trabalho, foquei em duas delas: *criação e estesia*. A dimensão da criação refere-se ao fazer artístico, à materialidade estética que se dá a sentimentos, identidades e posicionamentos. Já a estesia refere-se à consciência do próprio corpo, em sua multiplicidade sensível e cognitiva, assim como à consciência do entorno. Percebi que essas duas dimensões andam juntas quando trabalhamos em específico com a percepção e produção de imagens, em especial nas aulas de Artes.

Na primeira aula, começamos com um breve alongamento, trazendo atenção a partir das articulações do corpo. Fizemos um jogo de apresentação: dizer o nome, um adjetivo que começa com a mesma letra que seu nome e um movimento para acompanhar, logo, todos devem repetir os movimentos. Depois, fomos para um espaço externo, onde pedi que nomeassem o que estavam vendo, ouvindo, cheirando e sentindo. Depois, passei alguns comandos, tais como: pular, passar pelo chão, correr, andar. Dessa forma eles exploraram o espaço e ganharam mais presença corporal. No espaço externo da escola, disponibilizei algumas imagens, algumas de paisagens naturais, outras de aterros sanitários e lixões. Pedi para eles percorrerem o espaço e observarem. Depois, em roda, eles mostraram um movimento gerado por essas imagens e todos repetimos. Pedi que organizassem o movimento (começo, meio e fim) e que reproduzissem.

Em outro dia, iniciamos a aula com um alongamento conjunto e depois fizemos um jogo de teatro imagem. Para esse exercício, disponibilizei alguns objetos (garrafas, papéis amassados e sacolas) para eles utilizarem e também escrevi algumas situações de estímulo para que montassem uma imagem. Exemplos: cidade sem coleta de lixo há mais de 10 dias, urubus na carniça, sacolas plásticas no rio.

Na última aula que tivemos, utilizei o aparelho data show para projetar imagens na sala e propus a composição de seus corpos com as imagens projetadas, buscando perceber as relações que se formavam em seus corpos em interação com as imagens. Trouxe imagens de paisagens naturais, animais selvagens, além de imagens do espaço sideral, de espaços urbanos, e de lixões.

Assim, percebo nessa vivência uma potência muito grande no que diz respeito a aproximação de uma atmosfera criativa dentro do cotidiano escolar, que foi ganhando força com o passar das aulas. Acho que trazer a centralidade para o corpo é fundamental para quebrar com uma certa inércia que tende a se instalar no corpo dos estudantes. Percebi que grande parte dos exercícios e atividades que eu trouxe foram recebidos com resistência, tais como preguiça ou desconforto, inclusive para se levantar e mover.

Pensei em trazer as imagens projetadas como uma maneira de gerar envolvimento nas aulas, pois além de haver resistência em se movimentar, há um crescente condicionamento postural gerado pelas telas (celulares, televisões) que são uma constante na vida dos estudantes. A presença do celular virtualiza os corpos, os transporta para outras realidades através de estímulos captados pelo corpo, e o excesso desses estímulos pode deixar uma pessoa “anestesiada” para outras realidades “menos estimulantes”. Essa realidade se mostrou durante as aulas, onde os alunos expressaram descontentamento com o espaço da escola, chegando a dizer que a paisagem é feia (mesmo a escola estando cercada por uma rica paisagem natural) e que nada acontecia por ali.



*Registro do jogo de teatro imagem: "urubu na carniça". Arquivo pessoal, 2023.*

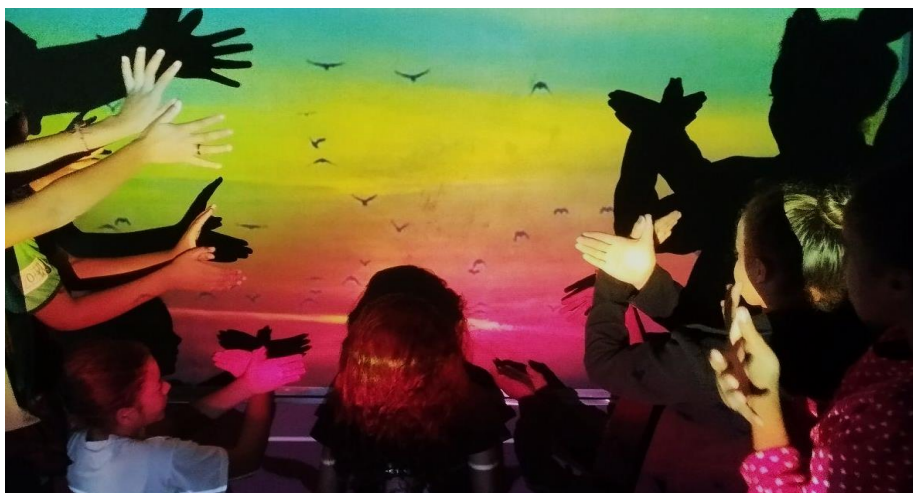


*Registro do jogo de teatro imagem: "sacola plástica no rio". Arquivo pessoal, 2023.*



*Registro da proposta de composição de imagem. Arquivo pessoal, 2022.*





*Registro da proposta de composição de imagem. Arquivo pessoal, 2022.*



*Registro da proposta de composição de imagem. Arquivo pessoal, 2022.*



*Registro da proposta de composição de imagem. Arquivo pessoal, 2022.*

## **Vivência na E.M Padre Carmélio Augusto Teixeira e a construção de um ambiente acolhedor: Práticas teatrais para desenvolver a escuta.**

Essa vivência aconteceu na Escola Municipal Padre Carmélio Augusto Teixeira, localizada na rua Padre Rolim, na sede de Ouro Preto. A escola ocupa o prédio da antiga Santa Casa de Misericórdia, sendo essa localização provisória, pois a antiga escola, localizada no bairro Cabeças, estava sob risco de desabamento. Meu trabalho lá se deu em 2022, na disciplina de Estágio Regência II. A turma na qual estagiei foi a turma do quinto ano, com alunos de 10 a 11 anos e contava com 10 crianças no total.

No início da minha vivência, senti muita dificuldade em conduzir a turma, devido aos conflitos e brigas, também a dificuldade de escuta e concentração, mesmo com jogos simples. As crianças tinham um comportamento violento bastante latente, o que fazia com que fosse difícil viver momentos de diálogo, a sensação que eu tinha é a de que todos precisavam ser ouvidos, mas não havia ninguém, nem momento para ouvir um ao outro. O ambiente da sala de aula era organizado principalmente por meio da repressão, o que funcionava a curto prazo.

No começo, os alunos não aderiram às minhas propostas, então comecei a negociar com eles o que eles gostariam de jogar, para depois haver a possibilidade de eles aderirem às minhas propostas. Assim, fizemos algumas brincadeiras sugeridas por eles (como morto e vivo, passa o anel) o que, com o passar do tempo, fez com que eles ganhassem confiança em mim e entendessem as aulas como um espaço coletivo onde eles têm influência.

Para que haja uma experiência, o fator acolhimento é essencial, pois se estamos entregues ao momento presente, e assim receptivos para que algo nos aconteça, é fundamental que haja confiança e conforto para essa entrega. A experiência é uma aventura íntima, e se estamos constantemente nos armando uns contra os outros, não há possibilidade de nos colocar nesse lugar de intimidade. Acho que o teatro pode ser bom para a criação desse ambiente acolhedor, onde aprendemos a confiar uns nos outros e nos soltar criativamente.

O teatro também oferece oportunidade de elaborar novos sentidos para as coisas que nos acontecem, nos dando a possibilidade de transmitir nossas experiências, colocando-as na linguagem. Há crescimento no intercâmbio de experiências, também na constante reelaboração de sentido quando nos propomos a dar uma forma artística a essas experiências. Segundo Larrosa (2014, p.50), a elaboração de sentido é fundamental para a constituição de uma experiência, se elas não são elaboradas, se não adquirem um sentido com relação à própria vida, não podem se chamar, experiências.

Estruturei minhas aulas pensando em desenvolver a escuta dos alunos, para construir um ambiente mais acolhedor onde pudesse haver diálogo e compreensão, em um entendimento de coletividade dentro da sala de aula. Também pensei em exercícios de construção de história, para que eles pudessem narrar o que lhes acontecia e inventar novas histórias, como um desenvolvimento da escuta. Assim, começava as aulas com momentos de relaxamento e concentração, com exercícios de escuta, pensando primeiramente em escutar a si próprios. Os jogos propostos foram extraídos do livro “Jogos teatrais para sala de aula”, da Viola Spolin.

No livro, existem diversos jogos para desenvolver qualidades importantes para o fazer teatral e para a experiência. Aqui, desenvolvi principalmente o aspecto que ela chama de “intuição”, muito ligado à sensibilidade, à percepção coletiva, à escuta e à interação com o espaço, todas qualidades importantes para a experiência. Segundo Spolin (2017, p.31), a intuição é fundamental para se viver o que ela chama de experiência criativa:

A experiência nasce do contato direto com o ambiente, por meio de envolvimento orgânico com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo. A intuição, vital para a aprendizagem, é muitas vezes negligenciada (...) Às vezes, em momentos como este, precipitados por uma crise, perigo ou choque, a pessoa transcende os limites daquilo que é familiar, corajosamente entra na área do desconhecido e libera por alguns momentos o gênio que tem dentro de si. O intuitivo só pode ser sentido no momento da espontaneidade, no momento em que somos libertos para nos relacionarmos e agirmos, envolvendo-nos com o mundo em constante movimento e transformação a nossa volta.

A intuição aqui, diz daquilo que adentramos espontaneamente e que não reconhecemos, onde não há registros na memória ou na ciência, que defina ou domine sua extensão. Por isso está estreitamente ligada à experiência, pois esta acontece justamente quando nos encontramos diante do desconhecido, do que não pode ser explicado, no território onde existe a possibilidade de crescimento.

Assim, praticamos nas aulas alguns jogos trazidos no livro, entre eles o jogo do “nó”, onde os estudantes de mãos dadas e em roda devem fazer e desfazer um nó com os próprios corpos, sem dizer nada. As “caminhadas pelo espaço”, que visam investigar o espaço com diferentes partes do corpo, variando também velocidades (lento, médio e rápido) e planos (baixo, médio e alto). “Sentindo o eu com o eu”, onde eles percebem as diferentes sensações e coisas que tocam o corpo, voltando a atenção principalmente para as sonoridades e sensações do corpo (frio, calor, fome). Os jogos de espelho também foram muito proveitosos, fizemos a versão em dupla e em grupo, onde o objetivo do jogo é menos um imitar o outro, e mais um refletir o outro, não havendo quem necessariamente inicia o movimento, fazendo com que a



dupla ou grupo compartilhe o mesmo tempo e espaço o que gera um senso de coletividade maior.

Pela necessidade da turma de serem ouvidos, de contar o que aconteceu com eles durante a semana, explorei algumas variações dos exercícios de construção de história trazidos pela Spolin, onde um continua a história do outro e fazemos uma história coletiva, com palavras escritas por eles e sorteadas na hora para serem inseridas na história, algumas vezes seguidas de dramatizações.

Em uma aula específica, pedi para que os estudantes se lembrassem do caminho percorrido por eles desde o momento que acordaram até o presente. Esse caminho, posteriormente, foi representado em um desenho, da maneira que eles preferissem. Em seguida, fizemos uma fila e percorremos a escola, cada hora um guiando. O comando foi de não quebrar a fila, andando devagar para que os últimos não se percam. Em seguida, pedi para que eles mapeassem o caminho que foi feito, ressaltando as partes que foram importantes nesse caminho.

Essa aula foi imprescindível para eu perceber a relação de confiança que foi estabelecida entre nós. Nesse dia, vários alunos me ajudaram a organizar a turma e fizeram sugestões para que os momentos de briga e bagunça diminuíssem. Percebi que estávamos abertos para viver aquele momento, com toda riqueza que ele oferecia. Muitas questões foram trazidas à tona com esse exercício, o que pode ser percebido na maneira que cada um teve de representar essa experiência e o que cada um marcou como importante. As leituras foram muito diversas diante do mesmo exercício e, mesmo cada um com a sua percepção, continuamos parte de um só corpo.

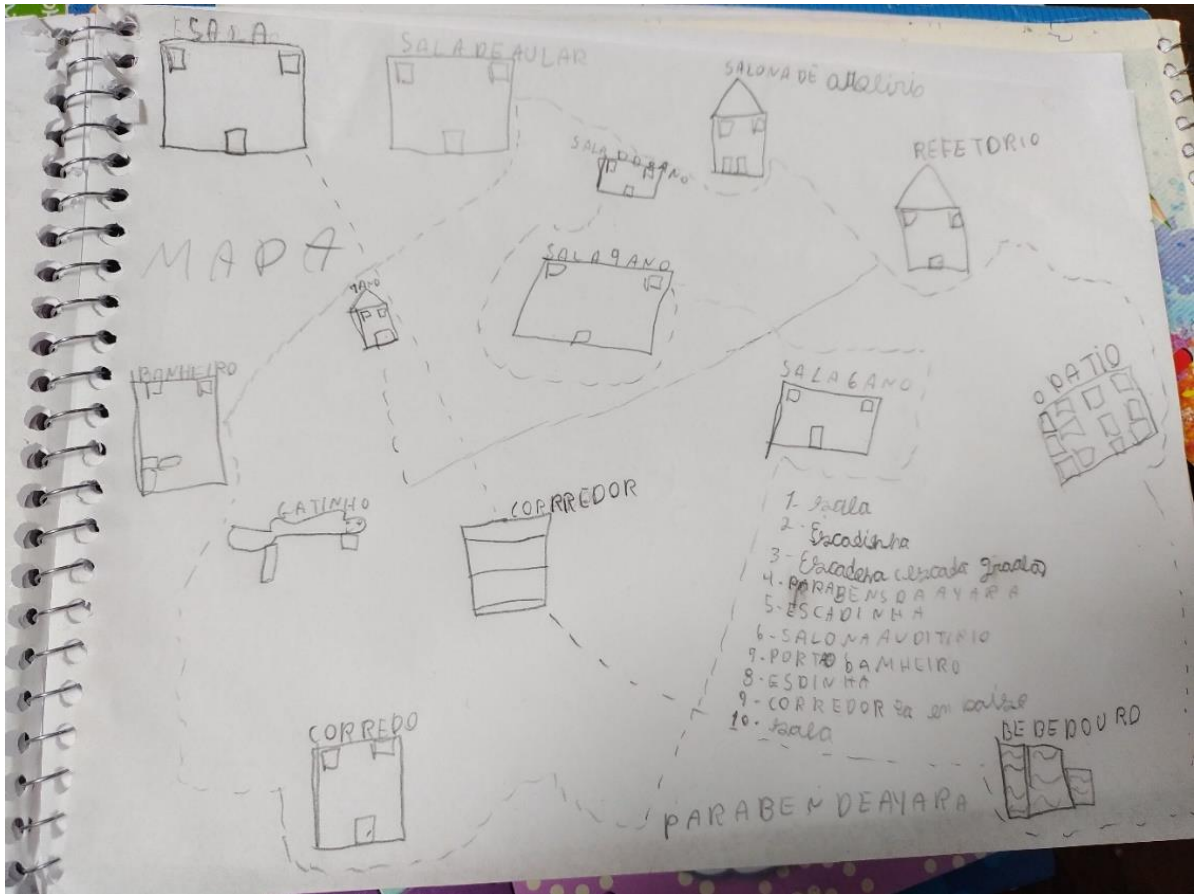
Pensando em trabalhar a escuta, propus o jogo “Aeroporto” da Viola Spolin, onde os estudantes se separavam em duplas e um ficava vendado para ser o “piloto”, enquanto o outro era a “torre de controle”, que guiava o piloto por uma pista com alguns obstáculos colocados por nós. Foi um exercício que funcionou bem, principalmente pela obrigação de se ampliar os outros sentidos, no caso a escuta e o tato. A venda provocou momentos de suspensão concentrada, sublinhando a responsabilidade subentendida de ajudar quem está vendado, de respeitar a vulnerabilidade do colega e não se aproveitar dela. Por conta disso, poucos queriam se colocar no lugar da pessoa vendada. Com o decorrer do exercício a curiosidade foi maior que o medo e todos acabaram se colocando nessa posição.

Do meu ponto de vista, precisamos de espaços para ouvir o corpo, sentir e expressar o que ele traz como memória, como anseio. Se ouvir, para poder depois ouvir o outro e trocar com o outro. Praticar a participação, se colocando presente para a troca. Para a coletividade existir, nós precisamos nos colocar e saber ouvir. Só assim nos articularemos. Pessoalmente, nunca soube me posicionar diante de violências, e continuo sem saber. Porém, reconheço em meu trabalho escuta, carinho e compreensão, que foram fundamentais para a criação (lenta e gradual) de um ambiente de maior confiança e, conseqüentemente, maior abertura uns com os outros.

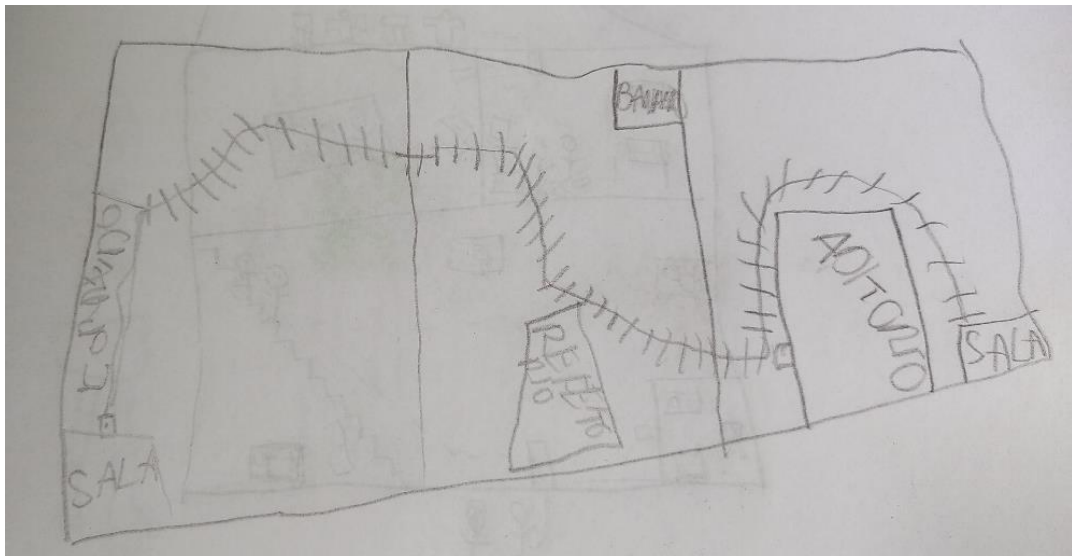
Aos poucos, todos entendemos nossa responsabilidade na sala de aula, inclusive os alunos, que eram ativos na organização da turma para a realização dos exercícios propostos. Comecei a entender a aula como um espaço de experiência onde a própria vivência dos exercícios e posteriormente a reflexão desse momento, nos mostra qual o conhecimento obtido. *Não faz sentido chegar com o objetivo de obter um resultado em específico, a própria relação que vamos construindo é que nos mostra o que falta e o que temos de valioso, e é sempre uma surpresa. Aprendi a chegar na sala de aula com uma postura mais aberta, atenta para a condições e necessidades da turma naquele momento, sem abrir mão das minhas vontades enquanto professora de teatro.*



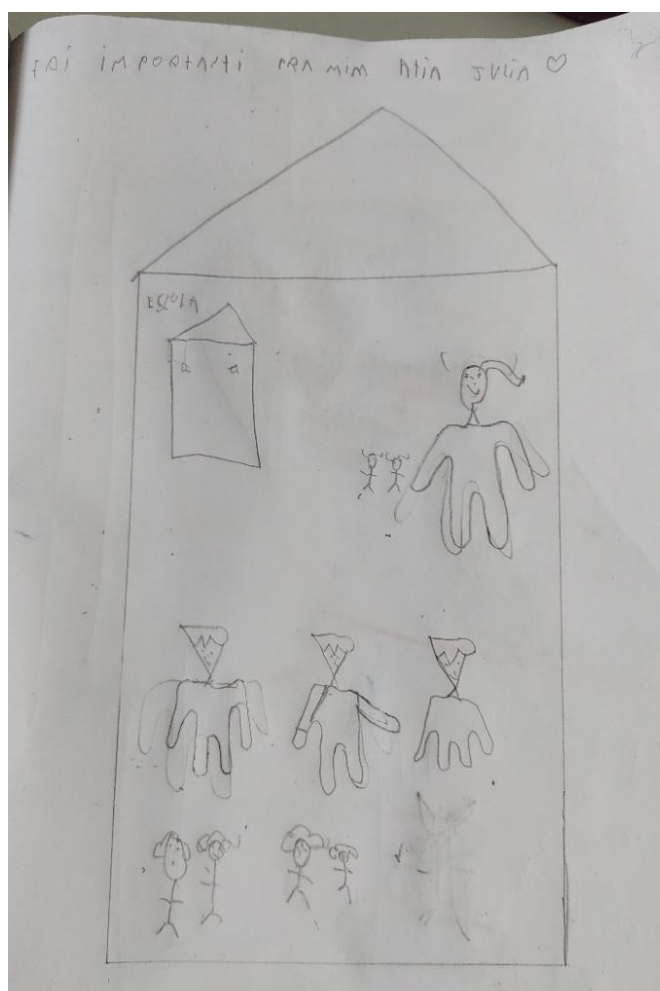
Registro do jogo "aeroporto", de Viola Spolin. Arquivo pessoal, 2022.



Registro do caminho percorrido pela escola. Arquivo pessoal, 2022.



Registro do caminho percorrido pela escola. Arquivo pessoal, 2022.



*Registro do caminho percorrido pela escola. Arquivo pessoal, 2022.*

### **Eu e o mundo, uma prática de ocupar e modificar o espaço com o corpo**

Até hoje, guardo uma sensação que lembro de sentir pela primeira vez quando criança. Naquela época, sempre me perguntava sobre o que os adultos tanto se ocupavam, não tendo tempo para nada. Parecia que algo de muito importante acontecia e era invisível a mim. Tudo no mundo me intrigava: fios pelo alto, mosquitos voando, os escorregadores que são para baixo, e não para cima. Não entendia o porquê de as casas serem construídas de um jeito e não de outro, por que os carros passam na rua pelo meio e os pedestres em volta. Por que não o contrário? Polvos, prédios, comprimidos, bactérias, epiderme – tudo – como, por que? Para que? Por que não diferente? Em idade escolar, era incansável na escola, queria saber o motivo das coisas e só me ofereciam não explicações, se esquivando de perguntas. Tudo me interessava, os motivos e funcionamentos de tudo que existe. Por isso escolhi o teatro como veículo de abertura, de curiosidade, de não conformidade, um lugar onde eu não poderia me assentar em certezas, onde não há ponto final para as explicações.

As vivências que tive nas escolas apresentaram inúmeros desafios, e a cada dia esses desafios se mostravam de uma maneira diferente, fazendo com que até hoje eu me sinta uma docente em construção, sem resposta pronta para os problemas que já sei que vou encontrar. Nas aulas que dei, cheguei com alguns objetivos, mas no fim tive de me dedicar ao básico. Enquanto artista e professora, tenho minhas idealizações. Porém, de que adianta elaborar utopias quando não se tem o básico?

O mais básico, nesse caso, entendo como o próprio corpo, o tempo, a escuta, o silêncio. Dando escuta ao corpo dos estudantes no espaço escolar, podemos descobrir novas maneiras de sentir, de agir, abrindo assim a possibilidade de criar novos significados de mundo. Ocupando esses espaços de maneiras diferentes, damos lugar ao desconhecido, tornando visível o que antes não tinha espaço para existir. Permitindo que o disforme, o que ainda não tem nome, apareça e tome espaço. Segundo Carmela Soares (2008, p. 58):

A prática do jogo teatral permite ao aluno realizar seu potencial criativo e reafirmar seu lugar de sujeito dentro da escola e do mundo. Ao assumir uma postura ativa e dinâmica, a realidade deixa de ser apreendida como um dado acabado, imutável, e passa a ser construída e transformada pela ação particular e coletiva dos próprios alunos, que, cada vez mais, apropriam-se de suas ações e palavras.

Nessa onda de apatia que vem tomando conta do nosso tempo, meu exercício de resistência é me voltar para o mais básico. Claro que tenho planos mirabolantes e algumas ambições com a arte, mas enquanto não tivermos onde nos apoiar, nada fará sentido. Parece que temos cada vez menos oportunidades de estar em silêncio, e só ele pode nos revelar o que o corpo diz, o que corpo quer. É assim que obtemos um direcionamento saudável e razoável na vida e estamos cada vez mais sendo privados desse espaço, ou encarando ele como uma superficialidade, uma bobagem.

Cada vez mais o mundo parece com algo gigante e inalcançável, cheio de tragédias e acontecimentos grandiosos nos quais nós apenas sofremos as consequências, não temos nenhuma influência sobre, somos apenas figurantes. Ao invés de nos ocuparmos daquilo que temos alguma influência, nos ocupamos do que está longe, e isso acaba acentuando nossa sensação de impotência perante o mundo.

Penso que a coletividade guarda saberes escondidos, que jamais poderíamos premeditar ou pensar e, estando cada vez mais alienados dela, cada vez mais ignorando o potencial daquilo que ainda não temos ciência, nos encaminhamos para um beco sem saída, um mundo que não tem solução. Sem perspectiva de futuro paramos de sonhar e também perdemos a motivação

de nos dedicar ao presente, de nos entregar ao que fazemos, pois parece que nada adiantará de nada, todo esforço que fizermos seria inútil.

A minha esperança é a consciência de que há muitas coisas que não sabemos, que nem suspeitamos que somos capazes de fazer. Há muito mais ainda que podemos agir e modificar, combinando nossas potencialidades com a de nossos pares. Nossa força de ação, ainda adormecida, é potente e capaz de modificar a realidade. Familiarizar-se com o espaço de jogo que existe entre eu e o mundo é tomar consciência do poder que temos de ocupar e modificar os espaços pela maneira que ocupamos eles. Trazer possibilidades novas para isso que a gente entende como real.

## **REFERÊNCIAS**

SOARES, Carmela. Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero. In: FLORENTINO, A., and TELLES, N., eds. Cartografias do ensino do teatro. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. São Paulo: editora 34, 2019.

DEWEY, John. A Educação e a experiência. São Paulo: Companhia editora nacional, 1979.

WILLIAMS, Raymond. Keywords. New York: Oxford university press, 1985.

TUAN, Yi- Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.